

# As dificuldades e estranhamentos que os educandos do ensino médio têm com a leitura de textos e obras filosóficas importantes

**Tertuliano Melo de Almeida**

*professor Doutor pelo curso de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol - UNADES – Paraguay. Mestre pelo Curso de Pós-Graduação do Prof-Filo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista da Educação em Tecnologia Educacional pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduação em: Licenciatura Plena em Filosofia e Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É professor de filosofia e sociologia da Rede Estadual de Educação (SEDUC/AM), lotado na Escola Estadual João Vieira e pedagogo do Ensino Fundamental das Séries Iniciais na Escola Estadual Diamantina Ribeiro de Oliveira no Município de Coari-AM.*

<http://lattes.cnpq.br/7735950592808264>

**Jacimara Oliveira da Silva Pessoa**

*Professora da Educação básica no município de Coari-AM*

*Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM*

*Doutorado e Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade de San Lorenzo – UNISAL*

*ORCID: 0000-0001-9353-2185*

<http://lattes.cnpq.br/1004775463373932>

DOI: 10.47573/aya.5379.2.75.5

## RESUMO

Este estudo pretende expor em parte os resultados da pesquisa desenvolvida durante o curso de Pós-Graduação de doutorado em ciências da educação pela Universidade Del Sol -UNADES - Paraguay, que objetiva explicitar algumas das dificuldades e estranhamentos que os educandos do ensino médio têm com a leitura de textos e obras filosóficas importantes. Os procedimentos metodológicos se caracterizam pela pesquisa bibliográfica, tendo como alguns teóricos: Porta (2007), Cerletti (2009), Ghedin (2009), Severino (2010), Cotrim (2013), Chitolina (2015), Chauí (2016), LDB N° 9.394/96, e outros que contribuíram para fundamentar este texto. Nas considerações finais, apresentamos algumas dificuldades que os educandos têm com a leitura de textos e obras filosóficas por não conseguir fazer uma análise textual, análise temática, análise interpretativa, entre outras, que acarreta desinteresse, baixa estima, abandono escolar etc.

**Palavras-chave:** leitura de textos filosóficos. ensino de filosofia. obras filosóficas.

## ABSTRACT

The study intends to present in part the results of the research developed during the postgraduate course of doctorate in sciences of education by the University Del Sol -UNADES - Paraguay, which aims to explain some of the difficulties and estrangement that high school students have with the reading of important philosophical texts and works. The methodological procedures are characterized by bibliographic research, having as some theorists: Porta (2007), Cerletti (2009), Ghedin (2009), Severino (2010), Cotrim (2013), Chitolina (2015), Chauí (2016), LDB No. 9,394/96, and others who contributed to support this text. In the final considerations, we present some difficulties that students have with the reading of texts and philosophical works for not being able to do a textual analysis, thematic analysis, interpretive analysis, among others, which causes disinterest, low esteem, school dropout, etc.

**Keywords:** reading of philosophical texts. teaching philosophy. philosophical works.

## INTRODUÇÃO

A leitura, a compreensão e a interpretação de textos e obras filosóficas estão associadas à prática pedagógica docente que constituem o ofício do professor, e de certo modo, são indissociáveis. Pois o exercício da atuação docente em sala de aula implica na leitura de textos e obras filosóficas que deve ser orientada pelo professor no seu fazer pedagógico cotidiano.

Considera-se que a leitura de textos e obras filosóficas são tarefas árduas que necessitam de treino, persistência, dedicação e muito esforço. Mas é um desafio a ser superado, seria esse um dos caminhos da busca filosófica para superar as dificuldades inerentes à leitura de textos e obras filosóficas. É em busca de respostas que o desafio foi lançado nesta investigação na perspectiva de compreender e encontrar explicações plausíveis para superar tais dificuldades apresentadas pelos educandos do ensino médio.

O presente artigo tem como objetivo explicitar algumas das dificuldades e estranhamentos que os educandos do ensino médio têm com a leitura de textos e obras filosóficas importan-

tes. Para tanto, são apresentadas em três partes. A primeira de forma introdutória apresenta-se a questão da leitura e interpretação de textos e obras filosóficas, o objetivo e as partes que compõem este artigo. A segunda, aborda-se, ainda que breve, algumas dificuldades em relação à leitura e interpretação de textos e obras filosóficas como: Gênero literário do texto filosófico; a linguagem filosófica constituída no texto filosófico e os conceitos filosóficos que fazem parte dos discursos dos filósofos, fundamentadas pelas reflexões de alguns filósofos. A terceira, são as considerações finais, nesta, faz-se uma análise das dificuldades apresentadas pelos estudantes do ensino no tocante a leitura de textos e obras filosóficas.

As dificuldades e estranhamentos que os educandos do ensino médio têm com a leitura de textos e obras filosóficas importantes

A pesquisa ora realizada sobre as dificuldades e estranhamentos que os educandos apresentam com a leitura de textos e obras filosóficas, deu-se a partir de pressupostos de minha vida profissional como professor de filosofia do ensino médio nas três séries. Essas dificuldades e estranhamentos são observadas a partir de dois fatos que trazem inquietações para os educandos no ensino da Filosofia no tocante a leitura de textos e obras filosóficas. Essas dificuldades nos fazem refletir e, ao mesmo tempo, nos permite buscar novas estratégias metodológicas para a superação de tais dificuldades.

Destaca-se o primeiro episódio que é a contradição que envolve o uso do texto filosófico no ensino da filosofia: por um lado, ele é intensamente recomendado nos documentos oficiais, a esse respeito, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008), que sugerem expressamente que a história da Filosofia e o texto filosófico tenham papel central no ensino da Filosofia. Por outro lado, essa recomendação fica distante de ser efetivada na prática pelos docentes. Com certeza, o texto filosófico tem grande ênfase no ensino da filosofia, mas fica submetido em segundo plano. Pois, raramente o docente põe o educando em contato direto com textos filosóficos nas origens dos próprios filósofos. Quando isso sucede, raramente trata-se de um ou outro fragmento filosófico retirado de seu contexto. De certo modo, o manual de filosofia, que são os livros didáticos, serve como substituto dos textos filosóficos e não como um suporte propedêutico proporcionando um ensino mais completo da cultura filosófica.

O segundo episódio está inteiramente unido ao anterior que é a complexidade de compreender, entender e interpretar um texto filosófico, como: o gênero do texto filosófico, a linguagem filosófica, os conceitos, os termos empregados nos argumentos dos discursos filosóficos, as personagens que a maioria dos estudantes apresentam grandes dificuldades para compreender os textos de modo geral e, principalmente, os textos filosóficos. “[...], ler e escrever são atividades e instrumentos extremamente importantes e essenciais para o processo reflexivo, e tais habilidades não são inatas: aprender a ler lendo e a escrever escrevendo”. (GHEDIN, 2009, p. 155). Essas duas comprovações serviram de base para optar pelo referido tema. Ela firmar-se na necessidade de compreender melhor a leitura de textos e obras filosóficas no ensino médio, de descobrir modos de promovê-lo, mas também de contribuir para que o educando possa desenvolver as habilidades e competências necessárias para amenizar as dificuldades encontradas inerentes a leitura de textos e obras filosóficas assim como na elaboração e produção textual.

O tema escolhido para essa pesquisa consiste em investigar as dificuldades apresentadas pelos educandos, quanto à compreensão, interpretação da leitura de textos e obras filosóficas importantes, que os levam a apatia por esta disciplina no nível médio. Por isso, será impor-

tante compreender essas dificuldades, os obstáculos e as razões que a leitura de texto e obras filosóficas apresentam, em que destacamos algumas como:

## **Gênero literário do texto filosófico**

O texto filosófico se caracteriza pela sua forma de ser, o modo pelo qual o autor expressa-se ou estrutura sua obra que escreveu. O estilo são os traços que definem as características do autor de uma obra, como ele expressou seu pensamento por meio da escrita. Visto que cada filósofo possui seu traço que define e marca sua característica própria de escrever. Platão, por exemplo, escreveu em forma de diálogo, onde há debatedores. O diálogo platônico apresenta o filósofo Sócrates como personagem principal e suas falas expressam as ideias a serem transmitidas, em que há diferentes personagens argumentando e discutindo sobre uma determinada temática que corrompe.

Além disso, o diálogo não é apenas a forma como o filósofo se expressa, mas também o cerne de seu método filosófico de descoberta da verdade, que é o dialético. Esse procedimento consiste em apreender a realidade através de posições contraditórias entre os interlocutores ou debatedores, até que uma delas é finalmente entendida como verdadeira e a outra como falsa. A dialética platônica é um processo indutivo, que vai da parte para o todo, definido por pergunta e resposta. Isto é, “a pergunta põe em movimento o pensamento, ao passo que a resposta produz um efeito paralisante e apaziguador.” (CHITOLINA, 2015, p. 22).

A dialética Platônica é uma arte de conversar que tem objeto e problema definido que visa a verdade, o belo e o bem, através de discursos curtos e alternados, obedecendo algumas regras, eles avançam nas discussões, na medida em que os debatedores concordam com a necessidade de avançar e que ambos devem estar empenhados na busca honesta e sincera da verdade. Nesse embate dialógico processa-se um ato de indagação e de averiguação, tendo em vista que o propósito da “[...] metodologia é o filosofar, o conteúdo a ensinar deverá reunir a atividade filosófica, a atitude filosófica e o tema filosófico.” (CERLETTI, 2009, p. 82).

Por isso, que os textos filosóficos são manifestações do pensamento que se dão em uma dimensão dialógica, cuja leitura não seria possível sem reconstruir o diálogo em que está implicado.

O diálogo é o caminho próprio da Filosofia como filosofar. A Filosofia nasce dialógica, quer dizer, filosofante. Sócrates investigava a si mesmo através do diálogo, por meio do discorrer conjuntamente acerca do conhecimento da sabedoria ou do reconhecimento da ignorância em relação à sabedoria. Constituído de perguntas e respostas, o diálogo sempre visa alcançar a coisa mesmo que se põe diante dos interlocutores a partir de um questionamento. O questionamento é o caminho do diálogo [...] segundo a tradição socrático-filosófica, filosofar é entrar em diálogo consigo mesmo através do perguntar e responder compartilhando entre amigos. A amizade dialógica constitui a possibilidade de, no diálogo e por meio dele, alcançar-se a clarividência do investigado além do pessoal e do contingente. (COTRIM e FERNANDES, 2013, p. 408).

Neste sentido, os autores Cotrim e Fernandes (2013), ressaltam que a função dialógica da Filosofia se manifesta por meio do pensamento do filósofo e do próprio filosofar, que de forma questionadora se apresenta por meio da oralidade ou de textos, pois aquilo que é investigado se encontra dentro de uma intertextualidade construída no processo da tradição filosófica em diálogo consigo mesmo por meio da pergunta e resposta que os filósofos utilizam para exprimir seu pensamento ao encontro da verdade.

Os filósofos como Aristóteles e Tomás de Aquino, escreveram em forma de tratado, no sentido de esgotar inteiramente por completo um problema filosófico sob diferentes pontos de vista divergentes, isto é, o filósofo investiga uma série de questões que vão além de seu tempo. Assim, o tratado é um estudo mais taxativo, científico, de caráter filosófico, fundamentado e sistematizado sobre determinado assunto, tema ou problema, com o intuito de propor a apresentar uma teoria bem fundamentada e argumentada. Portanto, o tratado é um discurso longo e exaustivo.

Já Francis Bacon, Nietzsche, Wittgenstein etc, inspiraram-se para escrever em forma aforismo, que significa afirmar que é possível expor seus pensamentos, suas ideias com poucas palavras e ser compreendido, evitando as longas discussões a respeito de um determinado assunto, tema ou problema.

John Locke, David Hume, etc, optaram por escrever em forma de ensaios que pode ser compreendido como sendo um texto literário breve, dotado de uma capacidade intelectual excepcional, situado entre o filosófico e o didático, em que o autor expõe suas ideias, críticas e reflexões éticas e filosóficas a respeito de certo tema, assunto ou problema. É menos formal e mais flexível que o tratado.

De certo modo, constitui-se também na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema diversificado de cunho humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário, religioso, entre outros, sem que essa forma de pensar seja verdades definitivas, mas apenas conclusões temporárias. “Ensaaiar-se no pensamento é iniciar um processo de investigação sem pretender fazer afirmações definitivas.” (CHITOLINA, 2015, p. 23).

Há ainda filósofos que produziram diferentes gêneros textuais, como: Cartas filosóficas, contos, opúsculos, sumas, poesias, alegorias, etc, para expressar seus pensamentos de forma racional, criativa e reflexiva, enquanto possibilidade de entendimento da realidade existente.

Sabe-se que o discurso filosófico é demonstrado através dos argumentos apresentados na propositiva de afirmar ou negar algo de um problema. Apesar de comprovarmos a existência de diversos estilos de natureza filosófica, é exequível observar, nos textos e nas obras filosóficas um traço comum como: a problematização, o questionamento e a investigação. Os textos e as obras filosóficas revelam características de seu autor por seu estilo individual e intelectual que dá à sua obra pela sua forma de escrever. Sobretudo, porque cada filósofo elabora uma filosofia peculiar ao seu pensamento, que se distingue das demais filosofias, deixando suas características próprias.

Visto que, o estilo filosófico é uma expressão, um modo pelo qual se faz filosofia e cada filósofo se caracteriza pelo seu estilo e forma de se expressar que se constitui no seu modo peculiar de ser, mesmo fazendo parte da corrente de pensamento ou grupo “de pensadores não porque concebem os mesmos pensamentos. Ao contrário, a semelhança que existe entre eles repousa sobre suas diferenças”, Chitolina (2015, p. 26), na sua forma de ver e conceber os mesmos problemas e dar a estas respostas diferentes no exercício do filosofar.

Pois, no exercício do filosofar, Chitolina (2015, p. 26) afirma que é tarefa por excelência do filósofo evidenciar, revelar, mostrar, distinguir novos horizontes de interpretação, expor novas perspectivas, comparar as exigências do tempo presente com o passado da história da filosofia. Ser original significa regressar às origens da filosofia e do filosofar, ter a mesma postura e atitude.

des que tiveram os antigos filósofos, desejar saber, espantar-se, ter a admiração e a indagação radical diante do mundo e da realidade. Isto porque toda filosofia se assenta numa tradição, concernente à história da filosofia.

Ora, o que parece ser novo é mais antigo do que pensamos, assim, esse reinventar, recriar, refazer, reproduzir, recompor, o objeto, o problema, o método e o significado da filosofia são função do filósofo. Percebe-se isto, quando fazemos leitura de textos e obras filosóficas que fica evidente os pressupostos que definem o pensamento de um autor, o conteúdo e a forma que se constitui de problemas, de ideias e argumentos, a fim de possibilitar a comunicação entre o leitor e o autor.

Portanto, uma das dificuldades no processo da leitura filosófica que os educandos do ensino médio têm é identificar nos textos e nas obras filosóficas os gêneros literários de investigação, exposição do pensamento do autor e a maneira que foi expresso seu pensamento a forma que escreveu: tratado, aforismo, ensaios, contos, diálogo, dentre outros.

## **A linguagem filosófica constituída no texto filosófico**

A linguagem dos filósofos é um dos empecilhos para os estudantes do ensino médio lerem, compreenderem e interpretarem textos e obras filosóficas. “Por ser um discurso originalmente reflexivo, a filosofia é a encarnação radical da razão. Diz-se que filosofar é pensar, é explicitá-los.” (PORTA, 2007, p. 46). Isso porque o pensamento filosófico é a maior expressão do desejo pela busca do conhecimento sobre as coisas, que se constitui como exercício crítico do pensamento, que requer de cada filósofo critérios peculiares para imaginar, discernir as ideias e de formular problemas.

A linguagem filosófica segue uma ordem de apresentação, uma organização e ordenação lógica que se encontra em seu pensamento, demonstrando e provando por intermédio de raciocínios e argumentos suas teses e teorias, sem perder de vista a coerência, a coesão, a progressão do pensamento, as regras gramaticais, a estrutura de um texto filosófico deve ser organizada, para que os leitores possam ter a compreensão das ideias expostas pelo autor.

É essa linguagem filosófica que faz com que muitos estudantes demonstrem dificuldades de compreensão, tornando-o como algo estranho e sem encanto, um conhecimento nada benéfico para a vida, principalmente, para os iniciantes no ensino da filosofia. Nota-se que muitos deles não conseguem entender, compreender e interpretar o que está sendo lido, pela complexidade de sua linguagem, abastecida com um vocabulário respectivamente erudito e que os estudantes não estão adaptados no seu cotidiano com esse tipo de linguagem e de leitura.

Muitas vezes, a causa do não compreender e entender uma linguagem filosófica não diz respeito à filosofia, mas à ausência de conhecimentos adequados da própria linguagem gramatical por parte dos educandos. A dificuldade torna-se visível quando chega ao final de cada bimestre quando o professor olha a aparata de nota e observa o baixo rendimento escolar da turma em detrimento aos desinteressados pelas aulas de Filosofia que deriva, em boa parte, da falta de hábito de leitura que nos leva ao desânimo e a apatia de estudar as teorias filosóficas, pois esta disciplina para muitos educandos torna-se em grandes obstáculos, sem sentido e inútil para a formação dos sujeitos.

Ressaltando sobre isso, Marilena Chauí, questiona: Qual seria, então, a utilidade da

## filosofia?

Abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não submeter as ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um e à sociedade os meios para sermos conscientes de nós mesmos e de nossas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então, podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes. (CHAUÍ, 2016, p.29).

Segundo, Chauí (2016, p. 28), ressalta que o primeiro ensinamento filosófico não é afirmar se algo é útil ou inútil, e sim questionar. O que é útil? Por que e para quem algo é útil? O que é inútil? Por que e para quem algo é inútil? Observa-se que, os seres humanos fazem uma análise das utilidades das coisas quando esta lhe proporciona algo que lhe agrada, pois, alguns filósofos expõem que a sabedoria, o conhecimento pode ser alcançado para o bem da vida e poder transformar a própria realidade, esse é o benefício maior que o indivíduo pode adquirir por meio dos conhecimentos filosóficos para ultrapassar a barreira do senso comum.

Mas, não é somente a ausência de conhecimento que proporciona algumas das dificuldades que os educandos do ensino médio apresentam, pois, quando observamos os mesmos no cotidiano em na sala de aula, durante as atividades propostas, percebe-se que essas dificuldades em sua maioria são de natureza sociais e psicológicas que muitas vezes interferem no processo de ensino e aprendizagem deles, tais como:

- a) No âmbito pessoal, destacamos: a atenção, o afeto, o interesse e a motivação, entre outros, que os estudantes muitas vezes não têm na família e não encontra na escola;
- b) Socioeconômico: muitos são pertencentes às famílias de baixa renda. As desigualdades sociais, as condições habitacionais de moradia, ambientes repressivos, relações interfamiliares e desestruturação familiar, etc;
- c) Institucional: a escola não é atrativa, a pobreza de estímulo que a escola e a família proporcionam aos estudantes, métodos de ensino muitas vezes impróprios e inadequados, dentre outros, que interferem no processo da leitura de um texto filosófico, considerando como algo complexo e cansativo.

Na prática da comunicação, porém, os sujeitos humanos sofrem, em todas as fases do processo, uma série de interferências subjetivas e culturais que põe em risco a “objetividade” da comunicação, impedindo que tanto a codificação como a decodificação da mensagem possam ser realizadas. Daí se fazerem necessárias algumas precauções, certos cuidados para minimizar esses riscos e garantir que a mensagem seja adequadamente codificada e decodificada. (SEVERINO, 2010, p. 09-10)

Partindo dessa compreensão exposta por Severino (2010), mesmo com todas essas dificuldades de natureza social, psicológica, econômica e cultural, é possível que os estudantes avancem na fase do processo da leitura, se houver por parte dos mesmos empenho e dedicação para adquirir as qualificações necessárias de fazer uma leitura filosófica. Essa possibilidade existe desde que realize uma releitura para compreender e entender a mensagem codificada do autor.

Para isso é necessário que os sujeitos construam competências básicas para aprender a ler de modo filosófico, ou seja, adquirir os pré-requisitos necessários de como ler textos filosóficos.

Assim, a grande dificuldade em se ler um texto filosófico consiste em localizar e desatar o “fio da trama” (do tecido), a fim de encontrar seu início, meio e fim. Pelo ato de ler faz-se a reconstrução lógica e “metodológica” do texto. Se não se pode conhecer a priori o modo como um texto deve ser lido, então cabe ao leitor, empreender várias leituras se quiser compreender a estrutura profunda do texto. Ora, a leitura filosófica acontece propriamente no momento da “releitura” do texto filosófico. (CHITOLINA, 2015, p. 28).

Nesse sentido, Chitolina (2015), esclarece alguns pontos das dificuldades e dos estranhamentos que os estudantes do ensino médio têm e sentem na leitura de um texto filosófico, quando eles não conseguem entender e nem compreender o “fio da trama” do texto, o que é empecilho para a aprendizagem. E o autor propõe caminhos para a superação de tais dificuldades no processo de uma leitura filosófica, afirmando a necessidade de se empreender várias releituras para compreender a estrutura do texto.

Sabe-se que as obras e os textos filosóficos estudados em sala de aula possuem termos técnicos, conceitos, linguagem, acontecimentos e personagens históricas, que não são do conhecimento da maioria dos estudantes da escola média, pois a leitura filosófica é eminentemente uma atividade racional e rigorosa.

Ressalta que, para o educando/leitor compreender a expressão do pensamento do filósofo seria por meio dos textos filosóficos. Todavia, para isso, seria necessárias estratégias metodológicas que auxiliassem o educando nessa trajetória, pois são inúmeras barreiras, tanto práticas quanto teóricas que norteiam essa trajetória. Sabe-se que algumas obras estabelecem suas próprias regras de leitura:

Vejamos a maneira como Wittgenstein aconselha a utilização de seu livro: Minhas proposições são elucidativas para aquele que, compreendendo-me, as toma finalmente como contra senso, quando, passando por elas - sobre elas - delas se afasta. É preciso que ele transponha essas proposições; então adquire uma justa visão de mundo. Assim, compreender Wittgenstein é compreender a sua impossibilidade [...]. Entretanto, se cada filosofia explicita as condições de possibilidade ou de impossibilidade de sua leitura, descobrimos aí um fenômeno suficientemente geral para escapar das contradições que fazem da filosofia um perpétuo confronto. (COSSUTTA, 2001, p. 3).

Deste modo, a leitura da obra do filósofo Cossutta (2001), acima destacado apresenta suas dificuldades, pois para compreendê-la seria compreender sua impossibilidade, logo o autor lança um convite para a superação dessa dificuldade quando a leitura se torna impossível. Percebe-se assim que cada filósofo traz em sua obra as especificidades de seu pensamento por meio de seus argumentos que exige um desdobramento para as interpretações.

Logo, as obras e os textos filosóficos não estão estruturados, mapeados, organizados didaticamente. Eles são constituídos de problemas. Essa parte cabe aos leitores organizá-los para ter uma compreensão. Ressalta-se também que os educandos estão acostumados a desenvolverem leituras de textos didáticos e literários, que são muito usuais no seu cotidiano escolar, textos que já vem todos estruturados de forma clara para ser bem compreendidos, direcionado intencionalmente para instruir e que, portanto, os estudantes não têm muito trabalho de ler e entender.

## **Conceitos filosóficos que fazem parte dos discursos dos filósofos**

O professor de filosofia tem uma grande contribuição para minimizar as dificuldades que os educandos possuem diante da leitura e entendimento das obras e textos filosóficos. Compete ao mesmo proporcionar uma formação sólida, fornecendo os requisitos básicos e necessários

para auxiliar os estudantes a desenvolverem suas competências, suas habilidades e a maturidade intelectual, contribuindo assim para o avanço na compreensão do pensamento dos autores. Isso nos remete a refletirmos numa prática pedagógica diferenciada no ensino de filosofia em sala de aula, de maneira que possibilitem aos educandos do ensino médio, no exercício da leitura de textos e obras filosóficas na aquisição do conhecimento.

Daí afirmar que, os textos filosóficos diferem de textos científicos, didáticos, literários dentre outros, como foi citado acima, porque além do cientista, das teorias, o filósofo, como também, é um criador de conceitos e termos que utiliza para exprimir sua ideia, seu pensamento por meio do discurso. É portador da criação e recriação do conceito filosófico, bem como do modo como utiliza a linguagem para fazer filosofia. Os termos e conceitos encontrados nos textos de filosofia não são do uso habitual dos estudantes, o que se torna em desafios para a leitura e compreensão das ideias filosóficas pelo leitor.

Na realidade, há algo de verdadeiro na crença de que o exercício do filosofar implica certo grau de dificuldade. Com efeito, a filosofia supõe, necessariamente, a superação do senso comum, o que, por sua vez, requer o domínio, a apropriação de teorias, conceitos, categoria de análise, a linguagem filosófica e método rigorosos de reflexão necessários a uma compreensão mais elaborada e crítica da realidade. Ora, como se adquire esse domínio? Conhecendo o pensamento dos filósofos, que ao longo da história, buscaram respostas para os problemas mais relevantes de seu tempo, desenvolveram e sistematizaram teorias, conceitos e métodos de reflexão. Isso significa que o filosofar exige o estudo atento e rigoroso da história da filosofia e das obras dos principais filósofos, tarefa que, convenhamos, nem sempre consegue ser agradável e prazerosa. (GRAMSCI, 1986, p. 80-81).

Nesta perspectiva, Gramsci (1986), salienta que o exercício do filosofar remete a certo grau de obstáculo, que para superá-lo é necessário adquirir uma maturidade intelectual para filosofar e ultrapassar toda forma do senso comum. E propõe que essa superação se encontra na apropriação dos conceitos e teorias filosóficas para capacitá-los a adquirir o domínio desse conhecimento, que certamente exigirá estudos aprofundados com certo rigor que se encontra na própria produção filosófica.

Desse modo, “o exercício do filosofar consiste num trabalho intelectual, por vezes árido, penoso, que exige de quem o pratica coragem, paciência, dedicação, disposição física e intelectual, atenção e disciplina, e que nada tem de espontâneo e corriqueiro.” (SILVEIRA, 2017, p. 81). Sobretudo, porque os educandos podem exercitar o filosofar a partir dos acervos culturais disponíveis na Proposta Curricular de Filosofia para o Ensino Médio - SEDUC/AM (2012), onde estão elencados os conteúdos das produções filosóficas para o ensino da filosofia.

Os autores Deleuze e Guattari (1992, p. 12) ressaltam que, desde sua procedência, o conhecimento filosófico abriu novas perspectivas no discurso filosófico, fazendo uso de metáfora, criando novos conceitos na linguagem para dizer o que pensa. Por isso que os autores consideram que o filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Isso significa dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, mas de problematizar o conceito de pessoa, da existência humana, da sociedade, da realidade em que vive e dar resposta a partir de sua investigação para os eventuais fatos ou acontecimentos.

Neste sentido, a filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos, que desenvolve uma linguagem específica que lhe é própria, fazendo surgir e existir novos significados e termos ampliando assim, a capacidade do ser humano para pensar. Portanto, daí afirmar-se que o filósofo é, por assim dizer, um inovador e inventor de conceitos, que introduz um novo estilo, uma

nova forma de pensar e exprimir suas ideias e sentimentos daquilo que pensa, como também é crítico e reflexivo da própria linguagem. Pois, o filósofo prevalece das palavras para expor a verdade sobre os fatos, as coisas, as sociedades, os acontecimentos e o modo como compreende a realidade.

Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres, é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimento [...]. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 46).

Conforme destaca Deleuze e Guattari (1992), essa experiência do pensamento filosófico, de evidenciar os acontecimentos das coisas e dos seres, implica na originalidade que os filósofos têm na sua maneira de pensar criticamente, tanto para reconstruir novos conceitos, novas proposições, etc, que foi possível desenvolver suas teorias, quanto das respostas que deram aos problemas filosóficos pertinentes de cada época, na qual foi viável investigar, construir, sistematizar seus conceitos e seus métodos reflexivos filosóficos.

Ora, para que os estudantes tenham essa compreensão, precisamos conhecer o pensamento dos filósofos, isto é, ir às suas próprias fontes originais das obras filosóficas, desenvolvendo a leitura e sua apreensão como sendo indispensáveis para decodificar as ideias escrita pelo autor, como também, sendo uma etapa necessária no processo de comunicação que é realizada por aqueles que leem as obras e os textos. A escrita é onde se encontra o processo de codificação da mensagem, ou seja, as ideias, os interesses, os sentimentos, os argumentos e propósitos do autor ao escrever sua obra.

No processo da leitura dos textos e das obras filosóficas as dificuldades aparecem quando os estudantes se deparam com termos ou conceitos que não fazem parte do vocabulário deles, mas que fazem parte de uma linguagem construída historicamente pela filosofia, estruturada e organizada por um pensamento lógico de acordo com as regras gramaticais de uma determinada língua. Porém, é pela mediação dos conceitos e ideias que os filósofos transmitem suas mensagens que se encontram nos registros dos textos escritos.

Para Ricoeur (1988, p. 53), “é a escrita que permite o pensamento do autor sobreviver (permanecer vivo) ao longo do tempo.” A escrita filosófica é construída obedecendo a estrutura gramatical de uma língua, de tal modo, que as partes de um texto se relacionam, formando um todo coeso e embrincados pelos elementos enunciativos, os argumentos, as teses e os conceitos que fazem parte dos discursos filosóficos.

Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos co-existent. No caso do conceito de Outrem, como expressão de um mundo possível num campo perceptivo, somos levados a considerar de uma nova maneira os componentes deste campo por si mesmo: outrem, não mais sendo nem um sujeito de campo, nem um objeto no campo, vai ser a condição sob a qual se redistribuem, não somente o objeto e o sujeito, mas a figura e o fundo, as margens e o centro, o móvel e o ponto de referência, o transitivo e o substancial, o comprimento e a profundidade... O outrem é sempre percebido como um outro, mas em seu conceito, ele é a condição de toda percepção, para os outros como para nós. E a condição sob a qual passamos de um mundo a outro. Outros fazem o mundo passar, e o "eu" nada designa senão um mundo passado. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 30).

Na visão de Deleuze e Guattari (1992), todos os conceitos, por sua vez, estão ligados a uma problemática e historicidade, pois há aqueles que permanecem ao longo do tempo e outros

mudam, transformam-se ou são substituídos por novos. Cada filósofo cria seus próprios conceitos e define-se nas relações com os outros conceitos é um conceito pode incorporar diversos outros, que, para serem comunicados, precisam também ser simbolizados, mediados, o que ocorre graças aos termos, às palavras e à escrita.

Assim, para os estudantes adquirirem o entendimento de um conceito, devem passar necessariamente pela leitura da palavra e dos filósofos. Essa é uma tarefa desafiadora para os estudantes, tendo em vista que cada filósofo escreve ou fala por meio de conceitos que estão além da gramática de sua língua. Portanto, os textos filosóficos trazem a “mensagem codificada sob forma linguística de raciocínio. [...], construído sobre a base do encadeamento lógico de conceitos, ideias e juízos.” (SEVERINO, 2010, p. 12).

Assim sendo, é necessário que os educandos desenvolvam habilidades para lerem os textos e as obras filosóficas de forma proveitosa, decodificando a mensagem, percorrendo o raciocínio do autor e identificando os códigos linguísticos. Para tanto, terão que dispor de dicionários de filosofia ou do próprio autor, organizarem um fichário, construir um glossário para as teorias, os conceitos empregados pelo filósofo, consultar os autores citados no texto, etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a problemática das dificuldades e estranhamento que os estudantes encontram na leitura de diversos textos, principalmente os filosóficos, observa-se que eles não conseguem produzir ou até mesmo ler e interpretar textos simples de qualquer natureza como: literário, didático, narrativo.

Neste sentido, apresenta-se como hipótese que a falta de base é o maior problema da não compreensão da leitura de alguns textos em estudo nas salas de aula, visto que a leitura e interpretação é pouco explorada durante a sua vida escolar, bem como se escreve pouco durante o acesso e a permanência que os estudantes têm na educação básica. Essa realidade não condiz com a finalidade proposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seus Art. 22, 29 e 32.

Art. 22. A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.

Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996, p. 24-27).

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira LDB (1996), que rege a educação no âmbito nacional deixa claro quando afirma que a educação básica, corresponde a educação

infantil, o ensino fundamental e ensino médio, é composta por etapas e níveis de ensino que correspondem aos pilares básicos de extrema importância para o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos educandos no processo de aprendizagem, para que os mesmos possam adquirir o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. Essa base necessita ser fortalecida por profissionais responsáveis e comprometidos com a formação deles no ofício de sua função em proporcionar uma educação com qualidade, auxiliando e estimulando os mesmos a ler, a pensar, a gostar de estudar para desenvolver suas potencialidades intelectuais.

Nas últimas décadas, observa-se que o problema de leitura e aprendizagem de textos e obras filosóficas vem sendo bastante discutido por diversos professores que atuam na educação básica e muitos assinalam que suas causas são provenientes de fatores exteriores e individuais derivados das condições ambientais, psicológicas ou metodológicas em que se encontram os estudantes na questão da leitura, escrita, cálculo.

Conclui-se que, esses são apenas alguns problemas com os quais professores da educação básica se defrontam no cotidiano de muitas escolas da rede estadual de ensino do Amazonas que afetam diretamente na aprendizagem, dentre esses problemas, existem outros também que podem ser caracterizados e evidenciados como dificuldades que os educandos têm diante da leitura de textos e obras filosóficas por não conseguir fazer uma análise textual, análise temática, análise interpretativa, entre outras, que acarreta em desinteresse, baixa estima, abandono escolar, etc.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96). Brasília: Editora do Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. v. 3. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: Editora do Brasil, 2008.

CERLETTI, A. O ensino de filosofia como um problema filosófico. Tradução: Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAUÍ, Marilena. Iniciação à filosofia: volume único, ensino médio. 3 ed. São Paulo: Ática, 2016.

CHITOLINA, Claudinei Luiz. Para ler e escrever textos filosóficos. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

COSSUTTA, Frédéric. Elementos para a leitura dos textos filosóficos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. Fundamentos de Filosofia. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tradução: Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munhoz. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS).

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. Dicionário brasileiro globo. 23.ed. São Paulo: Globo, 1992.

GHEDIN, E. Ensino de Filosofia no ensino médio. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GRAMSCI, A. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

JAPIASSÚ, Hilton.; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. 3. ed. Rev. ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PORTA, Mário Ariel González. A filosofia a partir de seus problemas. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologia. RJ: Francisco Alves, 1988, p. 53.

SEDUC, Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino. Proposta Curricular de Filosofia para o Ensino Médio. Manaus: Amazonas, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Como ler um texto de filosofia. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.